

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: UM OLHAR SOBRE A FESTA DE SANTA MAÇALINA EM SÃO MATEUS DO MARANHÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Jean Carlos Silva Cunha¹

RESUMO: O referido trabalho se propõe a estudar as relações existentes entre o sagrado e o profano a partir da Festa de Santa Maçalina que ocorre na Comunidade Timbaúba em São Mateus do Maranhão – MA. A pesquisa problematiza as relações existentes da festa em torno da devoção de Santa Maçalina e a construção de um espaço sociocultural, bem como as alterações desse espaço, lançando luz para os conflitos existentes dentro da festividade. A compreensão das práticas e representações em torno da festa é percebida através da realização de entrevistas história oral, tomando esta como uma metodologia de pesquisa. Foram entrevistados antigos moradores da comunidade estudada. Mediante a análise das entrevistas, o estudo aponta para as tensões e as relações de poder existentes durante os festejos, bem como na articulação para a manutenção da festa. A análise das vicissitudes que fizeram parte da formação dos festejos como também a tentativa de controle frente às experiências ditas como profanas, na contemporaneidade, perfazem o estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade. Memória. Festa Religiosa.

INTRODUÇÃO

A religiosidade popular, pode se expressar de várias maneiras, transitando entre dois polos: o profano e o sagrado. Fomentando vivências e atitudes que não conseguimos visualizar em outras esferas do cotidiano. É capaz de proporcionar um momento ímpar de sociabilidade, além de fazer um resgate às tradições e a um momento histórico que apesar de passado é revivido e ressignificado através dos ritos e festas que periodicamente são realizados (JURKEVIKS, 2005).

O que propomos com esse trabalho, é a análise das relações entre sagrado e profano dentro das festas religiosas populares e para tal iremos focar na festividade de Santa Maçalina, que acontece na comunidade Timbaúba, no Município de São Mateus do Maranhão. O trabalho procurou compreender as mudanças ocasionadas na dinâmica sociocultural da comunidade Timbaúba a partir da evolução do festejo. Para este fim o trabalho se fundamenta sob a perspectiva da história cultural, que dentro das modalidades historiográficas existentes, vem a ser a mais adequada ao tipo de estudo a ser realizado.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Mestrando em Ensino de História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: cunhajean25@gmail.com

A festa aqui estudada e as relações entre sagrado e profano, bem como os conflitos existentes a partir da convivência desses dois opostos perfaz a estrutura desse trabalho e irá fornecer uma compreensão melhor sobre as relações existentes no campo das religiosidades populares nos fazendo refletir sobre os vários aspectos que podem ser percebidos dentro das vivências da festividade, um momento construído pela comunidade que participa, mas que pode tomar direções diferentes daquelas que eram vividas no seu início, demonstrando assim que a história é fluída e movida através das atitudes de quem a constrói.

FESTAS RELIGIOSAS POPULARES

As festas religiosas sempre foram um traço forte da religiosidade popular, no Brasil elas constituem um momento privilegiado para as mais típicas expressões de fé, regadas de todos os tipos possíveis e imagináveis de sincretismo que possam existir. A fé e as crenças que se estabeleceram na cultura brasileira são frutos de uma colonização onde se era permitida a convivência, por muito tempo pacífica, de culturas e rituais religiosos diferentes da religião oficial do colonizador. Uma fé híbrida se estabelecia no Brasil a partir da fusão das influências indígena, africana e europeia. O trio que é a base da cultura nacional.

Na tentativa de converter os gentios aumentando dessa forma o número de fiéis católicos, em virtude da ameaça dos cristãos reformados que na Europa vinha congregando muita gente em torno das novas religiões recém-nascidas, a Igreja Católica vê no Brasil a esperança para a manutenção da sua fé, levando-a além do Atlântico, obrigando índios e negros, a se converterem ao cristianismo. No entanto, além da nova fé imposta pelo colonizador, permanecia e era vivenciada, ainda que de maneira velada, os cultos dos nativos e as batucadas dos negros ao cultuar seus deuses. Laura de Mello e Souza em seu estudo sobre religiosidade na colônia diz que:

[...] toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como **sobrevivência**: era vivida, inseria-se, neste sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, **vivência**. É nessa tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que deve ser compreendida a religiosidade popular da colônia, e inscrito o seu sincretismo (SOUZA, 2009: 135).

Com o passar do tempo essa fé híbrida foi ganhando terreno e passou a prevalecer em toda a colônia, formando dessa forma um catolicismo bastante peculiar, com diferenças marcantes do catolicismo que era vivenciado na Europa. De acordo com Souza (2009) práticas pagãs eram sincretizadas no catolicismo europeu medieval, mas quando essas práticas

foram inseridas no Brasil, já não eram mais tão utilizadas na Europa, permanecendo aqui um sincretismo dotado agora por outras ressignificações, uma herança do catolicismo medievalista português que ao se misturar com as práticas ameríndias e africanas, ganha um novo sentido.

Segundo, Abreu (1996) as missas eram pomposas, regadas das mais variadas formas de expressões da fé, onde pessoas dos vários segmentos sociais participavam e vivenciavam desses momentos que quase sempre eram animados através dos batuques e das danças dos negros, índios e mestiços. As comidas e bebidas também não faltavam nessas celebrações, um espaço onde “Deus e o Diabo conviviam lado a lado”. As procissões, as missas festivas e tudo mais que estivesse sob a esfera do sagrado era também vivido pelo profano.

Marta Abreu ainda ressalta o papel importante que tinham as confrarias e ordens terceiras, pois as mesmas constituídas por leigos, não mantinham vínculo estreito com as autoridades eclesiásticas. Dessa forma gozavam de uma maior liberdade para organizar as festas religiosas com esse caráter multicultural. Quanto a isso ela ressalta:

Uma das expressões mais típicas desse catolicismo foram as confrarias organizadas pelos leigos. Entre elas existiam as irmandades e ordens terceiras que se diferenciavam das primeiras por estarem subordinadas às ordens religiosas. Podiam reunir membros de diferentes origens sociais, estabelecendo solidariedades verticais, mas também servir com associações de classe, profissão, nacionalidade e “cor”. [...] As festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou outros de devoção, eram o momento máximo da vida dessas associações (ABREU, 1994: 184).

Essa postura adotada pelas confrarias contribuía para a manutenção do bem estar social momento em que proporcionava a convivência dos diferentes setores sociais. Além de se cumprir um papel religioso de louvor ao santo, cumpria-se também um papel social através da mistura de classes e do seu convívio, é claro, que a estratificação social não sofria alterações, tão pouco a consciência dela. E essa convivência de extremos exemplifica de certa maneira a concepção de Ginzburg sobre circularidade cultural. Nesse contexto a circularidade cultural, conceito trabalhado por Ginzburg em sua obra “o Queijo e os Vermes”, defende a influência mútua entre cultura popular e cultura hegemônica, o que foi demonstrado pela citação acima através da presença de membros da elite nas manifestações populares. O que deixa um pouco de lado a dicotomia popular x erudito.

Outra característica que deve ser salientada é quanto à postura dos representantes institucionais da fé, no que se refere ao caldeirão cultural que era vivenciado durante as festas. Ao que se percebe, a Igreja no início da colonização ou pelo menos até o século XIX

mantinha uma postura de tolerar tais práticas e por vezes até de inseri-las dentro da liturgia oficial, muito disso deve-se pela fragilidade institucional no que tange a fiscalização e higienização das práticas sincréticas. Logo, eram evidentes ainda nessa fase de evangelização, transformar ou de certa maneira tentar moldar algumas práticas sincréticas, mas permitindo a manutenção de outras, seguindo um dito popular que expressaria isso “se não há como vencê-los, junte-se a eles”. Quanto a isso Laura de Mello e Souza ao citar Antonil nos coloca que:

Antonil será talvez um dos primeiros a perceber como era importante, em termos de controle social e ideológico, deixar aflorarem manifestações sincréticas. “Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativo, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não lhe estranhem os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrem-se inocentemente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do orago da Capela do Engenho...” diria Antonil (SOUZA, 2009: 127).

Por se configurarem como parte importante da religiosidade popular, como já fora citado, as festas religiosas são momentos em que o povo através de suas vivências e práticas, interagem entre si, deixando um pouco de lado as teias sociais que os segregam, e participam de uma forma dinâmica e particular do louvor ao santo padroeiro. É importante ressaltar que apesar das festas se caracterizarem como centros irradiadores de cultura e adotarem uma visão “sacroprofana” das suas ações, permanece ainda a pretensão de controle dessas práticas, vistas pela Igreja como desnorteadoras do verdadeiro mistério.

As festas religiosas foram e ainda são ambientes dotados de misticismo e práticas que engendram a cultura popular. Fazendo sempre o contraponto entre religião oficial e religiosidade popular, unindo o profano e o sagrado, as festas religiosas populares exercem um papel fundamental na construção do “ser brasileiro” e mais do que isso, são de certa forma a maneira que o povo encontrou de resistir as imposições da religião oficial e do controle da Igreja acerca de suas práticas e vivências:

Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões – caminho do devoto à Casa do Pai – repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício (JURKEVIKS, 2005: 74).

Nesse contexto as festas possuem um caráter unificador, uma vez que unem em um mesmo espaço, elementos do sagrado e do profano, fazendo dessa forma um entrelaçamento de práticas e vivências que transforma e reifica a ideia de sagrado. Observa-se que dentro dessas festas havia espaços para todos, fomentando gestos de sociabilidade, fraternidade e solidariedade, raramente vistos em outras ocasiões.

De maneira geral é possível ver que o eterno contraponto entre a religião oficial e a religiosidade popular não se fazem de maneira tão acirrada e que cada uma das vertentes se confluem e tentam conviver, em certos casos, de maneira harmoniosa.

Quanto a convivência entre profano e sagrado é possível perceber-la em quase todos os momentos da festividade popular e são sempre marcadas por momentos de lazer e diversão. Quanto a isso Martha Abreu ressalta:

[...] essas festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões, Te-Déum, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comida e bebidas. Na maioria delas a população escrava e/ou negra não perdia a oportunidade para realizar seus “batuques” (ABREU, 1996: 9).

O papel do profano é inerente ao andamento das celebrações e se torna parte essencial da mesma, onde sem ela, a festa perde todo o seu caráter cultural e aproximador das populações mais carentes. Quanto ao papel do profano podemos ainda notar que ele é parte integrante da festa constituindo dessa maneira uma realidade indissociável da manifestação da fé popular (OLIVEIRA, 2007).

Ao analisarmos essas festas percebemos que os limites entre sagrado e profano são bem tênues e por vezes não encontramos distinção entre um e outro, mas é importante ainda ressaltar que tanto um como outro podem ser vistos de várias maneiras e por perspectivas distintas, se levarmos em consideração o tipo de análise que se pretende fazer.

O cotidiano, a mentalidade e o simbolismo formam a esfera que engloba as festas religiosas populares, não fugindo seu estudo da compreensão do contexto social que está inserido dentro da realidade vivida por determinadas comunidades, que vivem esse tipo de religiosidade. As festas não são o único aspecto em que se pode perceber e compreender as vicissitudes das práticas de religiosidade, mas se constituem como peça chave, para compreensão e vivência do sagrado, que ao se unir ou se afastar do profano adota uma postura repleta de sentidos e significados para quem o celebra.

SANTA MAÇALINA: DEVOÇÃO, FESTA E SACRALIZAÇÃO

A devoção popular como já colocado antes, se constitui de uma prática marcante da religiosidade brasileira desde os tempos coloniais, herança de uma catequização portuguesa marcada ainda de muitos sincretismos. A festa que vamos relatar aqui vem a ser um dos muitos exemplos pelo país a fora de como pessoas de vida simples se transformam em ícones de devoção popular e conseguem arremeter multidões em torno de seu culto, e mais, como se deram essas relações com o sagrado e que conseqüentemente irão refletir no profano.

Não se sabe bem ao certo em que ano Maçalina nasceu, nem como chegou até a comunidade Timbaúba, no município de São Mateus do Maranhão. O que os mais velhos contam é que Maçalina era descendente de escravos e que vivia para ajudar as pessoas que moravam na comunidade. De acordo com Dona Raimunda Nonata de 69 anos, moradora da comunidade há muitos anos e que ouvia as histórias de seus pais, Maçalina era uma preta velha, que brincava tambor de crioula e era também parteira, conhecedora dos remédios caseiros, e que sempre fazia uso das plantas para ajudar quem precisasse.

A devoção à Santa Maçalina, como muitas outras, inicia-se a partir da sua morte, momento que se evidenciou, segundo a crença popular os primeiros milagres e peregrinações ao seu túmulo. De acordo com os moradores da comunidade, Maçalina quando estava idosa sofreu um acidente e morreu, alguns disseram que quando foi buscar lenha seu coração teria parado e ela veio a falecer à beira da estrada, outros falam que ao ir buscar lenha, uma manada de bois a pisoteara causando a sua morte. Ao ser encontrada morta, seus restos mortais foram enterrados à beira da estrada em que foi encontrada. Ali enterrada, fizeram-se as orações para encomendar sua alma e segundo a tradição católica acenderam-se velas em seu túmulo.

Após esses acontecimentos, seu túmulo foi muito visitado pelas pessoas da comunidade que a conheciam, e tinham muita estima por ela. Muitas iam para rezar e outros faziam promessas em nome da sua alma, mas ainda era uma devoção muito particular e bastante local. O corpo de Maçalina foi enterrado, como já fora dito, no lugar onde fora encontrado, que era a beira de uma estrada por onde passavam os bois que vinham do interior do país para o Maranhão, era a famosa estrada da boiada.

Em uma dessas passagens, ao sentir o cheiro das velas queimando, os bois se assustaram e se espalharam pelo campo, causando preocupação no boiadeiro que os estava conduzindo. Segundo os entrevistados eram mais de 2000 cabeças de gado, e o boiadeiro iria demorar muito tempo para reuni-las novamente, preocupado com a situação e em desespero, ele percebe que existia um túmulo na beira da estrada por onde os bois passavam, ao se

informar sobre o túmulo e sobre a fama de milagreira que Maçalina tinha, resolve fazer uma promessa em nome dela, onde segundo as fontes, ele prometeu que se conseguisse reunir todo o gado mandaria erguer uma casinha sobre o seu túmulo, para que fossem feitas suas celebrações. No dia seguinte à promessa, a boiada retorna e o boiadeiro consegue seguir viagem. A partir de então, esse suposto milagre de Maçalina, faz aumentar a sua devoção.

Com o aumento da devoção, e a fama dos milagres se espalhando pela região, aumenta-se também a festa que é feita ao redor da casinha, que logo se transformará em capela. Com isso o prestígio da santa só cresce atraindo cada vez mais pessoas, aqueles que vêm para celebrar e muitas outras que vem para se divertir.

A festa é o lugar primordial do encontro, da celebração festiva, do agradecer, do comemorar mais uma passagem de ciclo. Numa visão eliadiana, é um momento cosmogônico que transporta aquele que o vivencia para um tempo mitológico, diferente do tempo moderno em que vive. Como acontece na maioria das festas religiosas populares, grande parte dos que participam delas, vai para os divertimentos que elas proporcionam e andam longe de compreenderem ou vivenciarem o mistério que ali é celebrado. Enquanto uma parte vai agradecer e rezar, uma maioria vai para brincar, se divertir. A festa proporciona isso, une em torno de si elementos das duas esferas, que por vezes se misturam. De um lado a reza, do outro a folia, um espaço onde o sagrado e o profano convivem lado a lado.

A festa de Santa Maçalina não fugia a regra e proporcionava esse momento de conagração entre as duas esferas. Era justamente a festa dedicada à santa que era o ponto auge de sua devoção. Desde o seu primeiro milagre, o número de devotos, só vinha a aumentar ano após ano. Pouco se sabe sobre as festas realizadas antes das terras serem compradas por Sebastião Coelho na década de 70. Portanto, iremos focalizar os momentos da festa a partir dessa data, momento que a festa ganha uma nova tonalidade e começa a ser até mais divulgada, apesar de que segundo os moradores, a festa já havia quase um século de existência.

Segundo Joedson, morador da comunidade e presidente da Associação de Trabalhadores Rurais do Povoado Timbaúba, as terras foram compradas por Sebastião Coelho das mãos do Sr. Manoel Martins no ano de 1973, e a partir de então a festa de Santa Maçalina passa para a responsabilidade da Família Coelho. Com isso alguns investimentos são feitos no que tange a realização da festa, como a construção de uma capela de alvenaria da santa, a manutenção do Barracão de festas e a própria divulgação da festa ali realizada.

Como nos foi repassado pelas entrevistas, a festa de Santa Maçalina reunia muita gente, pessoas que vinham de vários lugares, inclusive do sul do país, para conhecer a famosa

festa. A região não tinha muito a oferecer em relação ao entretenimento, mas nos dias da festa da santa, a cidade e região praticamente se mudavam para o povoado Timbaúba e participavam das novenas e dos momentos festivos que aconteciam após a reza.

Eu alcancei quatro barracões de festa, quatro, e eram seis aonde tinha o do Antero Boueres [...] com alto falante em cima dum podarqueiro que enchia o interior de voz bonita, de música bonita de oferecimento de tudo de bom pra esta alma milagrosa, era uma festa de romaria [...] quando dava de noite depois da reza tinha um silencio e aí começava depois que terminava o silencio da reza, das alvoradas de músicos que vinha de Corotá e aí tinha a festa (RAIMUNDA NONATA, 2014).

Do lado de fora da capela, se encontravam as barracas de comida e bebida, que tomavam conta da rua que dava acesso à capela. Após a reza, aqueles que vinham para se divertir, ficavam nas barracas até o dia seguinte, bebendo, comendo e dançando. Ou seja, eram momentos de confraternização que aconteciam no decorrer de toda a festividade, mas que nos últimos três dias da festa se tornavam mais intensos, inclusive o fluxo de pessoas.

[...] aqui tudo era barraca, começava dia 21 a primeira noite, você podia vir que você via cada barraca lotada de pessoas, som que você não sabia distinguir qual era música dessa barraca aqui, dessa aqui, da outra e da outra mais, quando chegava no dia 26, mesmo sem as festas de dança lá no barracão, mas o pessoal botava nas barracas e nego dançava e bebia e emendava até o dia 1º (SOCORRO, 2014).

A novena a Santa Maçalina acontece no período de 21 a 30 de Novembro, mas eram nas três últimas noites que a festa aumentava o seu tamanho. No dia 30, último dia da novena, era o auge da festa, pois acontecia a missa com o padre da Igreja Católica Brasileira, onde eram realizados batizados, casamentos, crismas e o número de romeiros, aumentava consideravelmente. Ao cair da tarde, acontecia à procissão com a imagem da santa pelas ruas da comunidade, onde se rezavam as ladainhas, cantos e louvores a santa. Ainda hoje as ladainhas que são rezadas, permanecem em latim, na verdade um latim não oficial, que foi aprendido oralmente e repassado pelas gerações. Uma tradição que é mantida pelo núcleo conservador da novena.

Voltando ainda para a festa profana, esta acontecia concomitante à festa religiosa, onde como é praxe acontecer, se realizavam diversas formas de entretenimento, desde jogos de azar à prostíbulos. Nessa época segundo os relatos, os cabarés da Rua Pindaré que funcionavam na cidade, se mudavam para a Timbaúba durante os dias de festa, e proporcionavam dessa maneira um divertimento à parte para os que lá participavam.

Além das barraquinhas que preenchiam um grande espaço na festa, existia ainda o salão de festas principal, que era conhecido como Barracão ou Salão Azul. Era nesse espaço

que aconteciam as festas dançantes, onde a maioria das pessoas frequentava. Enquanto a capela era o templo da festa sagrada, o barracão era o templo da festa profana. Ao terminar a novena, todos iam ao barracão, dançar, beber, namorar. Sem muita precisão de datas, não se tem uma ordem cronológica que indique quando o barracão foi construído, mas como a maioria dos entrevistados diz, que quando nasceram o barracão já existia, então podemos supor que essa estrutura, já havia muito antes do Sr. Sebastião Coelho comprar as terras.

No Barracão aconteciam as festas dançantes e segundo os relatos ele ocupou um espaço privilegiado na disseminação da cultura local, pois vinham artistas se apresentar e existia ainda uma forma de circularidade cultural entre a elite e as massas populares. Dentre os artistas que animavam as festas, é unânime a presença de um cantor conhecido como Bibiu Balaiada, que já era tradição nas festas da santa.

Havia também certas regras sociais que deveriam ser respeitadas. Apesar de estarem no mesmo espaço alguns setores sociais não se misturavam. Exemplo disso, como nos foi relatado, era a existência de uma divisória feita de palha no meio do salão de festa. De um lado ficavam as “mulheres de bem” e suas famílias e o do outro ficavam as meretrizes, ou mulheres solteiras de “vida livre”.

[...] Na época era peitori, que você levava suas filhas, sua família e você olhava o baile, tinha uma parede bem no meio, a outra eles falavam que eram de mulheres que não podiam se misturar com as casadas e as moças [...] era uma parede bem alta, que ninguém via, e a outra de família, a gente chegava cruzava o braço no peitori, olhava as pessoa dançar, era de lamparina, aqueles petromax, nessa época não tinha energia, era só no petromax mesmo (SOCORRO, 2014).

Como podemos perceber, apesar da festa reunir em um mesmo espaço os vários setores sociais, ainda permanecem resquícios de segregação social, o fato de se dividir o salão, reflete muito bem isso. Os limites físicos do salão de festa traduzem os limites ideológicos e sociais que separam pessoas de classes diferentes. Estão juntos, mas não estão misturados.

Mesmo havendo algumas divisões no que tange a presença no Barracão, e o respeito a determinadas regras sociais, fora dele a situação mudava, pois na capela e nas barraquinhas que ficavam na rua, essa divisão não era tão evidente, onde todos participavam sem restrições. Pelo que se percebe era um clima de harmonia, onde não existia muita violência e de certa forma, a comunidade participava de forma a garantir que esse ambiente de fraternidade proporcionasse a integridade e o respeito à devoção de Santa Maçalina.

A festa vai continuar acontecendo ano após ano, chamando mais devotos e ficando cada vez mais famosa, gerando lucro para os donos da festa, e garantindo dessa maneira a diversão daqueles que participavam dos momentos ali celebrados. No entanto, a partir da década de 90 começam a surgir os primeiros conflitos no que se refere a posse da terra. Esta será novamente vendida, dessa vez para o Coronel Sales, que ao comprar decide não querer mais a manutenção da festa e resolve, além disso, expulsar as famílias que ali moravam há muitos anos.

Diante dessa ameaça dupla, a de acabar com o festejo e a de perder as terras, a comunidade resolve agir, pedindo ajuda ao poder público, que intervém através do INCRA na compra das terras, para a comunidade. Em 1994 sai o decreto da compra do povoado pelo INCRA e em 1995 é entregue à comunidade a emissão provisória de posse, que dava o direito das famílias de permanecerem em suas terras. Porém durante uma década, de 1995-2005, a comunidade não adquiriu a posse do festejo, e sua organização ficou ainda sob a responsabilidade indireta dos antigos donos, nesse caso representados pela segunda esposa do Sr. Sebastião Coelho.

A partir de então, mesmo com a posse da terra garantida em lei, a comunidade permanece refém de outros posseiros que oriundos da cidade de Santa Inês – MA, vão agora administrar a festa de Santa Maçalina. É justamente nesse período que se intensificam os conflitos dentro da comunidade. A festa vai continuar nos moldes que sempre aconteceu, no entanto haverá uma exploração maior daqueles que participam dela, principalmente no que tange a festa profana. Serão cobradas mais taxas para se montar as barracas, a comunidade vai ser constantemente ameaçada através das armas, que garantem agora a manutenção da ordem estabelecida.

[...] Tinha muito policiamento aqui dentro, muitas pessoas armadas [...] a própria polícia era do lado deles e pessoas particulares deles, seguranças particulares, amedrontando a própria comunidade, foram dez anos de sofrimento [...] mesmo assim não houve afastamento das pessoas (JOEDSON, 2014).

Alguns fatos não nos foram relatados dessa época por uma questão de medo, alguns silêncios são mantidos no que se refere aos detalhes desse conflito. A morte de um romeiro é a lembrança mais citada pelos entrevistados, ao fazerem memória desse período. Um momento que chocou a comunidade e que fez com que muitas práticas perdessem o seu sentido original. O mistério ali foi quebrado, pois houve um desnorreamento do sentido real

de realizar o festejo. O que antes era um ambiente de alegria e diversão se transformava em um ambiente de medo e insegurança.

[...] a gente só ia pra igreja e voltava, fechava as portas [...] quando terminava as novenas, todo mundo ia embora, a maioria das pessoas aqui da Timbaúba, eles não iam pras novenas na época que surgiu esse outro povo de Santa Inês que festejaram esses 10 anos, foi muito pouco as pessoas e eu fui, todo ano eu ia rezar, porque eu achava assim, onde é que está minha fé? Eu não vou pra festa, eu não vou rezar pra pistoleiro, eu não vou rezar pra A nem B, eu tô rezando, fazendo a minha parte, já que eu nasci e me criei aqui, eu tenho fé na imagem, na alma e em Deus em primeiro lugar [...] (SOCORRO, 2014).

A partir do ano de 2005, a Associação de Moradores do Povoado Timbaúba, consegue recuperar o patrimônio religioso, que seria a capela de santa Maçalina e a organização do festejo, mesmo assim os posseiros que outrora organizavam a festa não saíram completamente do povoado e continuaram a fazer ameaças e a quererem controlar novamente a festa, afinal, a festa de Santa Maçalina rendia muitos lucros para aqueles que a organizavam, principalmente com a venda de bebidas, as taxas que eram cobradas dos barraqueiros, a entrada no barracão e ainda tiravam uma percentagem dos sacramentos realizados.

Percebendo essa condição de exploração a que estava submetida, a comunidade e seus líderes resolvem romper inclusive com a instituição religiosa que vinha acompanhando a festa, que era a Igreja Católica Brasileira, e resolve agora ficar sob a jurisdição da Paróquia de São Mateus, Igreja Católica Apostólica Romana.

Mesmo com a comunidade assumindo o festejo e a Paróquia de São Mateus agora como instituição religiosa oficial estar na organização do festejo, a festa profana ainda continuou por mais três anos, e a ameaça dos antigos posseiros também rondava a comunidade, trazendo ainda um clima de tensão e insegurança, o que levou a alguns membros da comunidade a se armarem, para se defenderem e defenderem também a integridade da festa de Santa Maçalina.

Durante os três anos seguintes, a partir do momento em que a festa é assumida pela comunidade e pela paróquia de São Mateus, ocorre um processo lento e pacífico para evitar conflitos e evitar mais derramamento de sangue, portanto ainda será tolerada a festa profana por parte da instituição religiosa, que apesar de não concordar com a mesma, permite que ela aconteça ainda nos seus moldes tradicionais. No entanto já se pensa na ideia e aos poucos ela vai amadurecendo de acabar por definitivo com a festa profana.

A decisão de acabar com a festa por definitivo segundo os relatos, foi uma decisão da própria comunidade reunida em assembleia, um dos motivos dessa decisão seria justamente romper com o passado obscuro, que trouxe sofrimento aos moradores. Durante dez anos eles

presenciaram momentos difíceis em razão da própria festa. O sentido de festejar mudou radicalmente e o que se via era a exploração econômica e social que machucava e feria a dignidade do povo. Por esses motivos e outros que não foram explícitos, a comunidade resolve romper com essa tradição e prioriza somente a festa religiosa através das novenas. Quanto a isso Pe Luís, que acompanhou esse processo diz:

[...] não fomos nós a procura, foram eles que procuraram, porque naquela época, aquela mudança, derrubando o galpão e etc. eles queriam virar a página, não ter mais nada a ver com esse passado e naquela época eles chamavam de sofrido, de opressão, de exploração, então por isso também o padre brasileiro não foi mais procurado (PE. LUIGI CARAMASCHI, 2014).

Esse momento chega em 2008, quando ocorre a derrubada do Barracão, que é de certa maneira o símbolo da festa profana, isso acontece devido à prisão de um dos moradores da comunidade pela polícia militar, por porte de armas, justamente uma forma de se defender, devido as ameaças que vinham sofrendo. Com a prisão desse membro, a comunidade reage de forma violenta, através da derrubada do barracão de festas. Essa ação simboliza o rompimento da comunidade com a festa e com os moldes com que vinha acontecendo nos últimos anos.

A derrubada do Barracão simbolizou o rompimento do sagrado com o profano e representou na vida da comunidade o início de uma nova forma de celebrar e conviver. Vejo que este rompimento se fez necessário por vários motivos, mas o principal deles seria justamente a liberdade. Liberdade que a comunidade queria para celebrar a sua maneira, por mais que se tivesse o peso da instituição oficial, que nesse caso específico, ajudou a comunidade a reencontrar o seu caminho. O importante naquele momento era não se perder o mistério da devoção a Santa Maçalina e isso não se perdeu, continuou acontecendo sempre. A festa nos moldes que vinha acontecendo já havia perdido todo o sentido de existir para a comunidade, portanto não fazia mais parte do mistério ali celebrado. Só servia para lembrar os momentos difíceis que foram vividos e ainda agir como comércio da fé, para o enriquecimento de alguns.

Ao contrário de muitas outras festas religiosas populares, a sacralização da festa de Santa Maçalina, não ocorreu por meio de imposição, embora os conflitos tenham ajudado pra que isso acontecesse, foi uma decisão da própria comunidade e não uma imposição da instituição oficial, embora se tenha tido uma influência e uma negociação por parte da Paróquia para que houvesse certo respeito a algumas normas da Igreja.

Desta forma a sacralização da festa de Santa Maçalina e a forma como ela aconteceu, se torna específico e diferente no que tange à outras festas de santos populares, de um olhar mais tolerante se conseguirmos perceber os efeitos de tal ação, por um lado a festa de romaria

acabou, a multidão de pessoas que vinham e faziam a fama da festa também foram embora e o que restou foi a pura e simples fé da comunidade que ainda celebra e festeja os milagres de Santa Maçalina, preservando sua história e mantendo viva suas tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo das religiosidades populares ainda tem muito a nos revelar sobre as práticas e vivências daqueles que participam delas, toda uma estrutura cultural e ideológica se mantém em ressonância dentro dessas práticas, o que nos propomos aqui foi pegar uma dessas relações como a convivência entre sagrado e profano e problematiza-la. A festa de Santa Maçalina foi o nosso exemplo para discutir essa relação que é bastante observada nas festas populares Brasil afora, que embora seja específico em cada caso, encontramos muitas semelhanças principalmente em suas estruturas e relações.

Ao analisarmos as festas populares em específico a de Santa Maçalina, podemos compreender o quão valioso é para esse povo a dimensão da ação do sagrado, que se manifesta através das várias ações misteriosas entendidas como milagres. Passamos a compreender seu modo de vida, e sua enorme capacidade de viver a sua fé mesmo sob ameaça, e mesmo não tendo mais o prestígio ou fama da grande festa, consegue permanecer fiel ao mistério que é celebrado ano após ano, fazendo de suas vidas um eterno celebrar, trazendo de volta o momento único em suas vidas que é o prazer de se encontrar e se dedicar ao culto de alguém que representa algo de importante e sagrado pra sua comunidade. Desta maneira é que devemos enxergar as festas religiosas populares, momentos autênticos da fé popular.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS:

Raimunda Nonata. Entrevista concedida a Jean Carlos Silva Cunha. São Mateus do Maranhão, 2014

Socorro. Entrevista concedida a Jean Carlos Silva Cunha. São Mateus do Maranhão, 2014.

Pe Luigi Caramaschi. Entrevista concedida a Jean Carlos Silva Cunha. São Mateus do Maranhão, 2014.

Joedson. Entrevista concedida a Jean Carlos Silva Cunha. São Mateus do Maranhão, 2014.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Martha Campos. **“O Império do Divino”**: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro 1830 -1900. Unicamp, Campinas –SP, 1996.

_____. **Festas Religiosas no Rio de Janeiro**: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. Estudos Históricos, vol. 7, n. 14, p.183-203. Rio de Janeiro, 1994.

BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História**: Especialidades e Abordagens. Ed. Vozes, 2008.

COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos**: algumas considerações. Revista brasileira de História das Religiões – Ano 1, nº 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. 2008

ELIADE, Mircea. **O Profano e o Sagrado**: A essência das religiões. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

GINZBURG, Carlo. **O Inquisidor como antropólogo**. In: _____. O fio e os rastros. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

JURKEVIKS, Vera Irene. **Festas Religiosas**: A materialidade da fé. História: Questões e Debates. nº 43, p.73-86, Ed.UFPR, 2005.

_____. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular. UFPR, 2002. Tese de Doutorado.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; PRADO, Luiz Ricardo; ALVES, Rogério Antônio. **Religiosidade Popular e Igreja Católica**. Fatos e Versões, Vol. 4, nº 8, Uberlândia, 2012.

NASCIMENTO, Maria Regina do. **Religiosidade e Cultura popular**: Catolicismo, Irmandades e Tradições em movimento. Revista da Católica, vol. 1, nº 2, p.119-130, Uberlândia, 2009.

RIBEIRO, Maria do Socorro Nascimento. **Santa Maçalina**: história relatada por moradores do povoado Timbaúba, Timbaúba – São Mateus do Maranhão, 2012.

SOUZA, João Carlos de. **O caráter religioso e profano das festas populares**: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. Revista Brasileira de História, vol. 24, num. 48, p. 331-351, São Paulo, 2004.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.